

*ARQUITETURA E RESILIÊNCIA: O CENTRO HISTÓRICO DE VITÓRIA EM TEMPOS
EPIDÊMICOS E NO “NOVO NORMAL”*

*ARCHITECTURE AND RESILIENCE: THE HISTORIC CENTER OF VITÓRIA IN EPIDEMIC
TIMES AND IN THE “NEW NORMAL”*

*ARQUITECTURA Y RESILIENCIA: EL CENTRO HISTÓRICO DE VITÓRIA EN TIEMPOS DE
EPIDEMIA Y EN LA “NUEVA NORMALIDAD”*

Luciana Nemer Diniz

luciana_nemer@ig.com.br

Philipe Lopes Cantreva

pcantreva@id.uff.br

RESUMO

A arquitetura capixaba que será abordada no presente trabalho, compôs o Centro da Villa da Victoria, hoje Centro Histórico da cidade, e foi testemunha de períodos epidêmicos desde o tempo do Brasil colônia. O conjunto de nove edifícios públicos selecionados para este artigo faz parte de pesquisa que se desenvolve a partir de iconografias, cartografias e documentos governamentais. Às vésperas de ser decretado o isolamento social no Brasil, como forma de conter a propagação do vírus, foram captadas imagens no anseio “de não se perder o objeto estudado”, invertendo o cronograma, adaptando o trabalho para que nesse período possa ser desenvolvido, em parte, remotamente. Desta forma com o objetivo de registrar a história das epidemias em Vitória, e seus desdobramentos no Centro Histórico, se aplicou a metodologia de coleta de informações em fontes secundárias e primárias (já colecionadas) e idas a campo com EPI (equipamentos de proteção individual). Este texto foi redigido em junho de 2020, período em que, no Brasil, a população das cidades estava em reclusão imposta e o esvaziamento das ruas conferiu destaque à arquitetura. A resiliência - habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida – passa então a ser observada nos edifícios, que sem a presença do homem “se tornam solitários” em ruas vazias e nas pessoas que se recolhem e procuram se adaptar com vistas à superação da adversidade.

Palavras-chave: Arquitetura; centro histórico; método; resiliência.

ABSTRACT

The Espírito Santo architecture that will be addressed in the present work, composed the Centro da Villa da Victoria, today the Historic Center of the city, and has witnessed epidemic periods since colonial Brazil. The set of nine selected public buildings for this paper is part of a research that develops from iconographies, cartographies and government documents. On the eve of the decree of social isolation in Brazil, as a way to contain the spread of the virus, images were captured in the desire "not to lose the object studied", inverting the schedule, adapting the work so that during this period it can be developed, in part, remotely. Thus, in order to record the history of epidemics in Vitória, and its developments in the Historic Center, the methodology for collecting information from secondary and primary sources (already collected) and gone into the field with PPE (personal protective equipment) was applied. This text was written in June 2020, a period in which, in Brazil, the population of the cities was in imposed seclusion and the emptying of the streets highlighted architecture. Resilience - the ability of a substance to return to its original form when pressure is removed - is then observed in buildings, which without the presence of man "become lonely" on empty streets and in people who withdraw and try to adapt with a view to overcoming adversity.

Keywords: Architecture; historic center; method; resilience.

RESUMEN

La arquitectura de Espírito Santo que se abordará en el presente trabajo, compuso el Centro da Villa da Victoria, hoy el Centro Histórico de la ciudad, y ha sido testigo de períodos epidémicos desde el Brasil colonial. El conjunto de nueve edificios públicos seleccionados para este artículo es parte de una investigación que se desarrolla a partir de iconografías, cartografías y documentos gubernamentales. En vísperas del decreto de aislamiento social en Brasil, como una forma de contener la propagación del virus, se capturaron imágenes con el deseo de "no perder el objeto estudiado", invirtiendo el cronograma, adaptando el trabajo para que durante este período se pueda desarrollar, en parte, de forma remota. Así, para registrar la historia de las epidemias en Vitória, y sus desarrollos en el Centro Histórico, se aplicó la metodología de recolección de información de fuentes primarias y secundarias (ya recolectadas) y salidas de campo con EPP (equipo

de protección personal). Este texto fue redactado en junio de 2020, período en el que, en Brasil, la población de las ciudades se encontraba en reclusión impuesta y el vaciado de las calles resaltaba la arquitectura. La capacidad de recuperación, la capacidad de una sustancia para volver a su forma original cuando se elimina la presión, se observa en los edificios, que sin la presencia del hombre "se vuelven solitarios" en las calles vacías y en las personas que se retiran e intentan adaptarse. con miras a superar la adversidad.

Palabras clave: Arquitectura; centro histórico; método; resiliencia.

RESILIÊNCIA

A humanidade, por diversos períodos na história e em diferentes locais, enfrentou situações de guerras, catástrofes e doenças e a resposta aos desafios desses momentos foram e são inúmeras, assim como diferenciados são os seres humanos e seus grupos sociais. “Os humanos modernos sempre encontraram mais de uma maneira de fazer algo. E as soluções que imaginavam para um problema costumavam ser adaptadas para resolver outro” (SHEA *apud* RONSONI, 2020). A equação é composta, então, de muitas outras variáveis como fatores culturais, econômicos e políticos que refletem no desenvolvimento organizacional e científico que dão suporte a esses enfrentamentos. Como, popularmente, se vem afirmando, a tempestade no mar é a mesma, os barcos que são diferentes.

A epidemia – no momento uma pandemia, conceitos descritos adiante – é agente propulsor de crise e diante dessa, distintas são as maneiras de administrá-la. Se for feita a avaliação a nível individual percorre-se uma seara também complexa. Adaptar-se passa a ser condição para a sobrevivência, mas, segundo Rosoni, do ponto de vista biológico, embora o significado de adaptação esteja intimamente relacionado à sobrevivência, ser adaptável é mais do que continuar vivo (a). (ROSONI, 2020). O termo mais adequado para a questão do momento é, então, resiliência.

O conceito de resiliência vai além de adaptação. Para Ferreira o ato ou efeito de resistir é a força que se impõe sobre outra defendendo o organismo do desgaste da doença e do cansaço (FERREIRA, 1985, p. 416). Reafirma o conceito Yunes ao lembrar que resiliência é frequentemente referida por processos que explicam a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações (YUNES, 2003, p. 76). Pela visão do organismo humano, onde fisiológico e psicológico atuam em conjunto, resiliência carrega o sentido de transcender, de ir além de, o que Russ relaciona ao ato de superar (RUSS, 1991, p. 282).

Outro conceito de resiliência, tão valoroso quanto o citado no parágrafo anterior, está ligado à ciência dos materiais e à física, desvinculado ou não da ação direta do homem no momento que ocorre o fenômeno, porém dependente desse. Conforme Ferreira *apud* Yunes resiliência é a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica (YUNES, 2003, p. 76). A explicação de Koogan corrobora a este conceito, de acordo com

os autores resilir é voltar para trás, por fim a um ato e anular uma ação (KOOGAN, 1971, p. 756).

Em recente entrevista ao engenheiro Eduardo Valeriano Alves, doutor em estruturas de concreto protendido, o mesmo afirmou que a resiliência é a habilidade e a capacidade do material de absorver energia enquanto é deformado elasticamente e, depois, de descarregá-la para recuperar essa quantidade de energia (ALVES, 2020). Yunes afirma que a noção de resiliência vem sendo utilizada há muito tempo pela Física e a Engenharia, sendo um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young, que, em 1807, considerou tensão e compressão para defini-la (YUNES, 2003, p. 77).

“As estruturas são concebidas, dimensionadas e detalhadas para suportar com segurança, comportamento adequado e durabilidade, todas as ações que incidem, sobre as construções as quais pertencem, transferindo-as de volta ao meio externo, através de reações de apoio.” (ALVES, 2020).

Ao se tratar dois temas: Arquitetura e Resiliência em uma mesma pesquisa, a interpretação primeira pode ser a voltada para as questões estruturais da construção, mas, neste trabalho, a utilização e interpretação do tema segue a linha da resiliência como constructo psicológico. “O construto é um modelo criado mentalmente que estabelece um paralelo entre uma observação idealizada e uma teoria elaborada a partir de elementos conceituais ou subjetivos, não baseados em evidências, sendo resultado da sintetização de ideias mais simples.” (DICIO, 2020).

Segundo Yunes, em psicologia, o estudo do fenômeno da resiliência é relativamente recente. Vem sendo pesquisado há cerca de trinta anos, mas apenas nos últimos cinco anos os encontros internacionais têm trazido este construto para discussão. Sua definição não é clara, tampouco precisa quanto na Física ou na Engenharia, e nem poderia sê-lo, haja vista a complexidade e multiplicidade de fatores e variáveis que devem ser levados em conta no estudo dos fenômenos humanos (YUNES, 2003, p. 77).

Cabe observar que o termo resiliência conforme, atualmente, vem sido largamente empregado em treinamentos e palestras motivadoras está diretamente ligado à superação de crises, sejam estas geradas a partir de questões econômicas, políticas, sociais ou sanitárias (hodiernamente vivida). Trabalhos como o de Rosoni afirmam que mudanças evolutivas no passado chegavam a necessitar de trinta anos para se consolidarem. Nos dias atuais a emergência de resultados leva a aceleração dessas, forçando a capacidade de

integração, ambientação e ajustamento do homem (ROSONI, 2020). Desta forma a inversão do cronograma do trabalho ora explorado, interrompendo forçosamente a pesquisa documental e iniciando o mapeamento foi a rápida reorganização, cerca de 30 dias após a deflagração do isolamento, possível a partir de tecnologias digitais e trabalho remoto. A variável inesperada foi a inclusão da análise de um Centro Histórico vazio, como as imagens adiante mostrarão, no aguardo do retorno da população, o que agora começamos a chamar de “o novo normal”.

PANDEMIA NO SÉCULO XXI

Na virada de 2019 para 2020 uma epidemia iniciada na China foi capaz de parar o mundo e alterar toda a sua dinâmica, afetando a relação do homem com seu lar projetado, a cidade. Momento anteriormente experimentado pela humanidade - como a Peste Negra e a Gripe Espanhola – atualmente o surto de Covid-19 está moldando o cotidiano das pessoas, exigindo cuidados extras com limpeza e higienização pessoal, com a habitação e com os edifícios de serviços que, de modo vital, permanecem abertos. No corrente mês, junho de 2020, iniciou-se em algumas cidades brasileiras, a reabertura de estabelecimentos além dos essenciais seguindo um cronograma de fases e protocolos de segurança. O fechamento do prédio, a cubagem e ventilação são fatores determinantes que entram na conta do referido protocolo, que ainda testa a mais adequada forma de se estabelecer uma rotina de uso “normal” sem desencadear um novo surto de contágio. Outras características relacionadas à função arquitetônica, que intrinsecamente determinam aglomeração de pessoas, como no caso de teatros, cinemas, escolas e universidades por exemplo, as colocam em categoria que, com vistas a segurança dos usuários, só poderão voltar a funcionar futuramente.

Novamente aborda-se a adaptação mencionada no início deste trabalho. Temporariamente, enquanto a ciência conclui estudos de como combater a doença, a arquitetura, as atividades cotidianas e a relação com a cidade serão traçadas diferentemente do que se conhecia. De acordo com Wolf e Freire, exemplos da volta ao “novo normal” vão de ideias sofisticadas como robôs que medem a temperatura dos clientes de shoppings às medidas mais simples, como os círculos na grama para delimitar o distanciamento correto entre as pessoas (WOLF e FREIRE, 2020).

Para Yunes os precursores do termo resiliência na Psicologia são os termos invencibilidade ou invulnerabilidade, mas, a habilidade de superar adversidades, não

significa que o indivíduo saia da crise ileso, como implica o termo invulnerabilidade (YUNES, 2003, p. 77). As perdas são diversas e o que pode ser um grande problema para um indivíduo “soa diferente aos ouvidos de outro” e, assim também, a resposta ao risco. Leite *apud* Wolf e Freire afirma que a pandemia não é uma guerra que acaba e as pessoas se abraçam e sim uma experiência traumática coletiva e isso gera um eco, que continuará até que surjam mais respostas científicas (WOLF e FREIRE, 2020). O aspecto positivo vem do fato que: sendo a resiliência contingente, provisória, imprevisível e dinâmica, ela determina comportamentos e ativa a capacidade criativa dos seres, característica esta comum aos profissionais da arquitetura.

A psicologia, aliada a arquitetura na compreensão do comportamento das pessoas, explica situações que serão corriqueiras dentro e fora dos edifícios. Na verdade, na parte interna a gravidade se amplia por questões de limitação do espaço pessoal. Brambilla *apud* Wolf e Freire cita que há a tendência de desconfiarmos uns dos outros: “acabamos projetando nas pessoas a personificação do vírus” (WOLF e FREIRE, 2020).

Sommer relata que a melhor maneira para conhecer as fronteiras invisíveis é continuar andando, até que alguém reclame. O espaço pessoal refere-se a uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa, e na qual os estranhos não podem entrar (SOMMER, 1978, p.33). O novo normal mostrará uma ampliação dessa região de conforto em volta das pessoas. Modificando comportamentos e, como, não se ampliará os espaços internos dos edifícios, diminuir-se-á o número de usuários deste mesmo espaço. Esta ampliação se deve a medidas higienistas, mas também ao fato do medo que a retomada do convívio impõe. “Quem estava em isolamento cuidava do seu espaço particular do seu jeito e se protegia. Quando essas pessoas passarem a conviver mais em sociedade, elas estarão expostas aos comportamentos dos outros”. (OKAMOTO *apud* WOLF e FREIRE, 2020).

A capacidade para mudanças: reformulação, reorganização e adaptação criará a estabilidade no sentido de continuidade e de novas rotinas. Esta reorganização, de acordo com a escala da cidade, o quantitativo populacional e os recursos para enfrentamento já ocorreram em outros períodos da história.

EPIDEMIAS EM VITÓRIA

Afirma Pena *apud* Derenzi que a povoação da Villa da Victoria foi fundada em 1550 (DERENZI, 1965, p. 31), no entanto Daemon relata que a mudança (do lado sul da baía para onde hoje se localiza o centro Histórico) se fez em 1551, a 8 de setembro, quando após derrota dos indígenas, foi dado o nome de Vila de Nossa Senhora da Vitória ao povoado (DAEMON, 1879). Segundo Novaes esta data se refere não à fundação e sim à consagração da Vila Nova a Nossa Senhora da Vitória (NOVAES, 1968, p. 25).

Os primeiros anos da vila foram difíceis. Para Elton, o Espírito Santo viveu em estado de quase total penúria, minguaíssimos eram os recursos de sua população, como minguada também era qualquer ajuda que porventura lhe chegasse da metrópole, de forma que assim, se atrofiou, tempo afora, social e economicamente (ELTON, 1999, p. 9). De fato, como afirma Novaes, tudo concorria para a decadência da Vila da Vitória ao citar as epidemias ocorridas em 1558 e em 1594 (NOVAES, 1968, p. 32 – 51).

“Em 1669 continuavam as epidemias que, anualmente quase martirizavam o povo. A de 1669 foi pavorosa! Resolveram, então, as autoridades e habitantes trazer a imagem de Nossa Senhora da Penha até a Vila da Vitória, onde permaneceu por 15 dias, na igreja dos jesuítas. ” (NOVAES, 1968, p. 51). De acordo com Azambuja *apud* Oliveira “a Providência Divina vela certamente sobre a população desta província que, sem seu auxílio, estaria hoje extinta por falta de recursos da medicina”. (OLIVEIRA, 2008, p. 368).

Segundo Oliveira a província do Espírito Santo sofreu em 1850 um surto de febre amarela iniciado no sul do estado que, de forma rápida, se propagou por todo o território. Na ocasião o governo procurou minorar o sofrimento do povo fornecendo-lhe medicamentos gratuitos e assistência médica (OLIVEIRA, 2008, p. 368). Porém o pior ainda estava por vir: a varíola.

A varíola (também conhecida como bexiga) é uma doença infectocontagiosa causada por um Orthopoxvirus, um dos maiores vírus que infectam seres humanos, com cerca de 300 nanômetros de diâmetro, grande o suficiente para ser visto como um ponto ao microscópio óptico (SÓ BIOLOGIA, 2020). Conforme Oliveira desde o princípio do século XIX a varíola vinha presente nos obituários, prejuízo recorrente da resistência popular à vacina, no entanto, o surto de cólera que fez sua aparição na província em novembro de 1854 ceifou mais de mil vidas. (OLIVEIRA, 2008, p. 369). A população da

cidade não chegava a 30.000 habitantes. Almada quantifica 27324 pessoas em Vitória em 1856 (ALMADA, 1981, p. 25). Logo, a letalidade da epidemia se aproximou aos 5%. Novaes afirma que em outubro de 1855 designou-se a Ilha do Boi para hospital dos doentes que viessem por mar. O convento do Carmo serviu de hospital e abriu-se uma enfermaria, no convento de São Francisco. (NOVAES, 1968, p. 229).

“Da epidemia de cólera passavam pelas ruas da Vitória seis, doze, dezesseis e mais cadáveres. Abriam-se valas junto ao Convento de S. Francisco. Improvisaram-se cemitérios, em Carapina e Manguinhos. No relatório de 1856 contabilizaram-se 1572 mortos.” (NOVAES, 1968, p. 230). “Outras doenças foram registradas na mesma década: febres intermitentes, coqueluche, asma, epidemia de disenteria sanguínea e câmaras de sangue ou diarreia hemorrágica.” (OLIVEIRA, 2008, p. 370).

No século XX a pandemia conhecida como Gripe Espanhola ficou conhecida devido ao grande número de mortos na Espanha e apareceu em duas ondas diferentes: fevereiro e agosto de 1918. Na primeira, era uma doença contagiosa, porém branda. Na segunda tornou-se mortal. (ROCHA, 2020).

As autoridades brasileiras ouviram com descaso as notícias vindas de Portugal sobre os sofrimentos provocados pela pandemia de gripe na Europa. Acreditava-se que o oceano impediria a chegada do mal ao país. Mas, essa aposta se revelou rapidamente um engano [...] Com o avanço da pandemia, sal de quinino, remédio usado no tratamento da malária e muito popular na época, passou a ser distribuído à população, mesmo sem qualquer comprovação científica de sua eficiência contra o vírus da gripe (ROCHA, 2020).

Em relação a disseminação da gripe espanhola no Espírito Santo a Mensagem de Governo do presidente do Estado do Espírito Santo, Bernardino de Souza Monteiro assim relata: “Na capital Ella [gripe espanhola] matou na proporção de 0,8% da população, e é crer que igual coeficiente foi atingido em todo Estado” (GEES, 1919, p. 39).

Na mensagem dados estatísticos de óbitos do ano de 1918, registrando que, no mês de outubro, morreram 18 pessoas; em novembro, 96; em dezembro, nove pessoas, num total de 123 mortes. Em relação ao ano de 1919, não foi possível aferir o número de mortos (FRANCO, LOPES e FRANCO, 2016, p. 422). Conforme IBGE a população do Estado do Espírito Santo em 1920 era de 457.328 pessoas (IBGE, 2020b).

A partir de março do corrente ano, a pandemia nomeada COVID-19, atingiu a cidade de Vitória. Os termos epidemia e pandemia se diferem. O primeiro se refere às

doenças infecciosas e contagiosas, mas que ocorrem somente em uma comunidade e ou região específica e o segundo quanto esta se propaga e atinge simultaneamente um grande número de pessoas em todo o mundo (GEMG,2020). “A palavra pandemia não deve ser usada de forma descuidada ou leviana. É uma palavra que, se mal-empregada, pode despertar medo irracional ou a aceitação injustificável de que a luta acabou, levando a sofrimento e mortes desnecessárias.” (GHEBREYESUS *apud* GEMG, 2020).

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) os países devem ampliar a comunicação com a população sobre os riscos de contaminação, explicando como se proteger, além de mapear, isolar, testar e tratar os casos rastreando os infectados e pessoas próximas a eles (GEMG, 2020). Desta forma o Governo do Estado do Espírito Santo vem seguindo as recomendações da OMS e através do Painel covid-19 - Estado do Espírito Santo é possível, a qualquer cidadão, acompanhar estas ações, além de pronunciamentos frequentes do governador.

Na cidade de Vitória os dados apresentados mostram o seguinte “raio X” em 15 de junho de 2020: 4734 casos, 3099 pessoas curadas, letalidade de 3,55% e 71401 testes realizados (GEES, 2020a). Cabe ressaltar que a população de Vitória totalizava em 2010, 211.529 pessoas (IBGE, 2020b), logo 1/3 dos moradores foram testados e o trabalho da PMV (Prefeitura Municipal de Vitória) tem sido por amostragem e coleta residencial.

RESILIÊNCIA ARQUITETÔNICA EM MEIO EPIDÊMICO

O recorte espacial da pesquisa que vem sendo desenvolvida é o Centro Histórico de Vitória que corresponde a área da antiga Villa de Victoria, na figura 1 é identificado pelas ruas de traçado não ortogonal. No projeto de pesquisa ao qual este texto se insere busca identificar construções dos períodos colonial e imperial. Dentre os objetivos estão: examinar as plantas e demais desenhos do período colonial e imperial da Villa de Victoria; caracterizar a arquitetura capixaba (tipologia e técnicas construtivas) segundo a influência dos colonizadores; documentar os projetos para preservação dos imóveis da área central e entorno construídos no período colonial e imperial; elaborar desenhos digitais paramétricos da topografia da região de estudo abrangendo arruamento dentro do recorte temporal da pesquisa e constatar, dentro de uma visão retrospectiva, as alterações volumétricas do centro histórico através de modelos digitais tridimensionais.

O trabalho caminhava a largos passos até que, deflagrado o isolamento social, como forma de conter a propagação do vírus, confinou-se ao trabalho utilizando recursos

digitais. A importância dos edifícios a seguir listados, com suas respectivas imagens, precisava ser considerada e, portanto, foram escolhidos para iniciar o mapeamento, este utilizando um sistema de informações geográficas para trabalhar com mapas e informações geográficas mantido pelo Environmental Systems Research Institute - ArcGIS.

Como toda edificação que se perpetua pelo tempo, os nove prédios selecionados, resilientes no sentido estrutural possuem características que recordam momentos significativos para a sociedade, sendo também símbolos de resistência, tanto a crises sanitárias quanto ao processo de desenvolvimento urbano. É possível, inclusive, relacionar o período de construção dos mesmos, sua tipologia arquitetônica e preceitos construtivos voltados às práticas higienistas.

Assim como em diversos outros estados brasileiros, o Espírito Santo também passou por processos de aplicação de políticas sanitárias, na virada do século XIX para o XX, que direcionaram o modo como se concebia arquitetura e a cidade. Não obstante, na grande maioria das propostas vinha atrelado o projeto da habitação social, sendo este um dos maiores fatores para atingir a grande massa trabalhadora, visto que representam a maior parcela populacional. A classe proletária, em momentos de crise – seja crise econômica ou sanitária – é a primeira a ser agressivamente atingida. Dos prédios levantados é possível afirmar que 1/3 são deste período – o início do republicano; dois passaram por reformas que alteraram fachada e planta (na linha do embelezamento que também seguiu as políticas higienistas) e quatro, do período colonial, e estão tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

A área inicialmente levantada possui traçado orgânico, ou seja, acompanhando as curvas de nível do terreno. De fato, a ocupação espacial de Vitória nos primeiros séculos se restringiu ao seu núcleo histórico com edificações localizadas na área de topografia acidentada onde o solo era firme. Estas eram construídas em ladeiras evitando o risco dos alagamentos pela alta das marés.

No mapa *Localização dos Monumentos do Centro Histórico de Vitória*, figura 1, se demarcou os edifícios que, a seguir, junto às imagens serão descritos. As coordenadas geográficas foram registradas em conjunto com as fotografias garantindo assim a precisão dos pontos. O processo de concepção do mapa foi realizado com o software de geoprocessamento ArcGIS.

Após a definição prévia das edificações a serem utilizadas na composição e encontrada a região a ser trabalhada dentro do programa, a etapa seguinte foi a criação de uma nova Classe Feição dentro do Novo Mapa para que se pudesse identificar com pontos as construções históricas a serem evidenciadas. Definido estes – dentro do comando Criar Feições – seus respectivos Atributos foram discriminados para que se tornasse fácil a identificação de cada local; além de sinalizá-los por cores desiguais em suas Simbologias.

Houve também a necessidade de estabelecer um recorte e escala adequado para que englobasse todos os pontos, assim como o melhor estilo de mapa dentre as possibilidades disponíveis para que ficasse mais clara a compreensão gráfica. Por fim, foi criado um layout através do comando Novo Layout para compor o mapa final para impressão; inicialmente trabalhado em tamanho A4 em modo retrato, foi necessário personalizar uma nova dimensão – tamanho A6 para que se enquadrasse melhor dentro das diretrizes deste trabalho. Os ajustes finais se resumiram a inserção da escala gráfica e a legenda com suas respectivas configurações refinadas para que ficasse mais precisa; e conseqüentemente em sua exportação como arquivo formato .jpeg dentre as demais possíveis. Muitas possibilidades estão previstas após o início deste trabalho de campo com o apoio do software referentes à classificações e caracterizações da região.

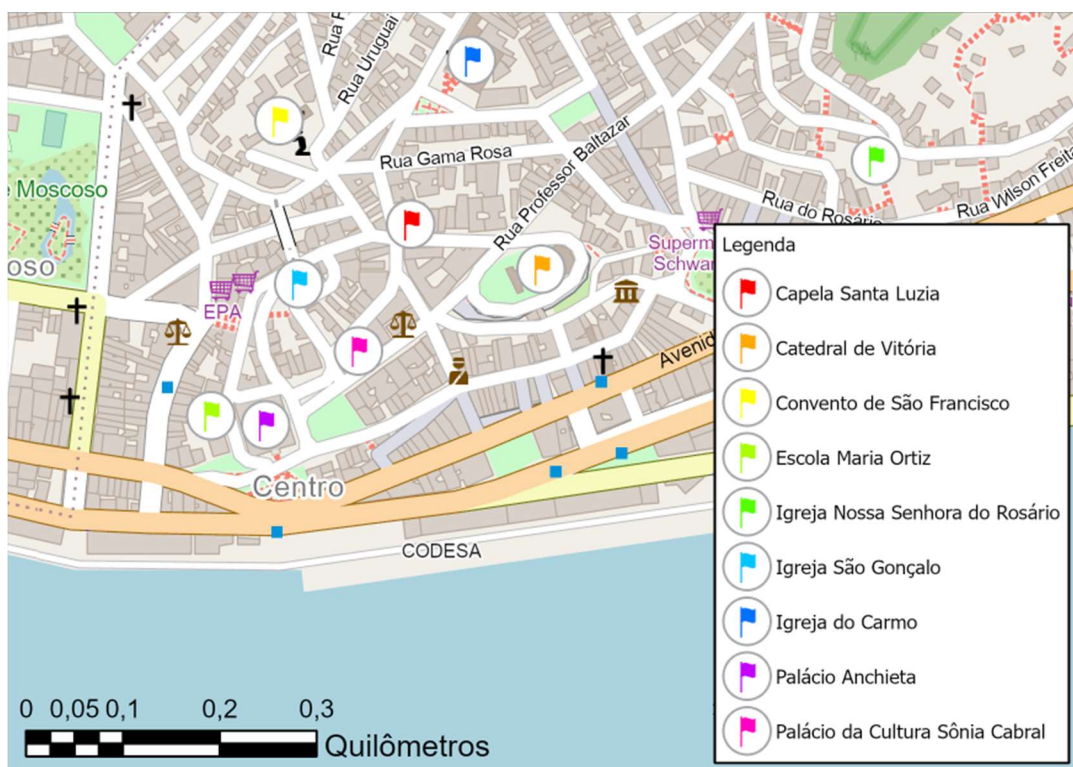


Figura 01: Mapa Localização dos Monumentos do Centro Histórico de Vitória. Fonte: dos autores (2020)

As imagens a seguir dão conta de edifícios públicos, carregados de simbolismos e temporariamente fechados. Sem a presença do homem, para qual são construídos, “se tornam solitários” em ruas vazias. As pessoas se recolhem em suas habitações, grande parte se adapta e muitas superam as adversidades.

Capela de Santa Luzia – Endereço postal: Rua José Marcelino s/nº - Centro, Vitória - ES. Localização topográfica: 40°20'18"O 20°19'10"S

A Capela de Santa Luzia é a igreja mais antiga de Vitória. Foi erguida no século XVI sobre uma rocha, em estilo colonial, com traços arquitetônicos simples e edificada na fazenda de Duarte Lemos. Localizada na parte alta da cidade, como os demais edifícios desta pesquisa. De acordo com Novaes esta localidade era conhecida como sítio do Egito, cujo caminho para a Igreja de Santa Luzia formou a Rua do Egito que pela inclinação chegava ao Mangal e passou a ser nomeada Ladeira do Egito hoje substituída pela Escadaria Cleto Nunes (NOVAES, 1968, p. 48 – 50). “As partes baixas eram de difícil ocupação, pois recebiam influência direta das marés, ficando constantemente alagadas. Se temos, ainda hoje, construções que datam do período colonial, pode-se observar que estão localizadas na Cidade Alta – esse é o exemplo da Igreja de Santa Luzia.” (CAMPOS JÚNIOR, 1996, p. 126).



Figura 02: Capela de Santa Luzia. Fonte: dos autores (2020)

Construída em pedra e cal de ostra e coberta com telhas de barro, apresenta as mesmas características das outras igrejas do Espírito Santo: nave retangular, mais longa e mais alta do que a capela-mor. Em 1943 foi restaurada e funcionou como galeria de arte e Museu de Arte Sacra. Considerada uma obra de grande valor histórico e Cultural, a Capela de Santa Luzia é um marco do início da colonização do Espírito Santo. Foi tombada pelo IPHAN em 1946 (PMV, 2020).

As igrejas católicas da cidade de Vitória, em junho de 2020 permanecem fechadas, no entanto, posteriormente serão reabertas para orações, ampliando horários e evitando aglomerações.

Catedral de Vitória - Endereço postal: Rua Dom Luís Scortegagna s/nº - Centro, Vitória - ES. Localização topográfica: 40°20'14"O 20°19'12"S

A catedral (figura 3) foi construída no terreno onde, até 1918, estava a antiga Matriz da cidade. A Igreja de Nossa Senhora da Vitória, de estilo colonial, que começou a ser edificada no ano da fundação da cidade. “A Catedral Metropolitana de Vitória começou a ser construída em 1920 e foi concluída em 1970. O projeto inicial era de Paulo Motta e foi se modificando com o passar dos anos, tendo recebido colaboração de vários artistas e arquitetos.” (PMV, 2020). Segundo a prefeitura de Vitória no ano de 1895 a antiga igreja foi elevada a catedral e considerada de tamanho acanhado para o quantitativo de fiéis (PMV, 2020). A construção foi tombada a nível estadual, Conselho Estadual de Cultura, no ano de 1984. O tombamento foi justificado pelo valor artístico de seus vitrais e o simbolismo que traz aos capixabas.

A catedral de Vitória, em junho de 2020 permanece fechada e ao seu redor dezenas de moradores de rua permaneciam em busca de auxílio, como seres invulneráveis, que na verdade não são, à busca de auxílio.

Convento de São Francisco - Endereço postal: Rua Uruguai nº 47 - Centro, Vitória – ES. Localização topográfica: 40°20'22"O 20°19'7"S

O Convento São Francisco (figura 4), assim como a Capela de Santa Luiza, foi erguido no período colonial. De acordo com a Prefeitura Municipal de Vitória começou a ser construído no final do século XVI pelos padres franciscanos Antônio dos Mártires e Antônio das Chagas, a pedido de Vasco Fernandes Coutinho Filho (2º Donatário da Capitania do Espírito Santo). (PMV, 2020).

Na viagem realizada ao Espírito Santo em 1816, o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, lista em Vitória a presença de bons edifícios construídos no velho estilo português, com balcões e rótulas de madeira, ruas calçadas, uma Câmara Municipal razoavelmente grande, e o convento dos jesuítas, ocupado pelo governador... Além dos vários conventos, uma igreja, quatro capelas e um hospital. (PHILIPP, 1989, p. 142).



Figura 03: Catedral de Vitória. Fonte: dos autores (2020)

Era composto de igreja dedicada a São Francisco, mosteiro/claustro e a Capela da Ordem Terceira da Penitência. A esse conjunto foi posteriormente acrescentado um cruzeiro no início da ladeira de acesso (1744) e finalmente um cemitério “provisório”, que funcionou de 1856 a 1908. (PMV, 2020). Tal cemitério justifica-se pela necessidade advinda da epidemia de cólera.

Em tempos do “novo normal” o convento se abre para atividades administrativas, reduzindo o quadro de pessoal através de revezamento e ampliando medidas de higiene.



Figura 04: Convento de São Francisco. Fonte: dos autores (2020)

Escola Maria Ortiz - Endereço postal: Rua. Francisco Araújo n° 35 - Centro, Vitória – ES. Localização topográfica: 40°20'25"O 20°19'16"S

O edifício da Escola Maria Ortiz (figura 5), de linguagem eclética, foi inaugurado no século XIX e traz em sua fachada elementos do neoclássico. A fachada principal, muito próxima ao Palácio Anchieta, é ricamente adornada com colunas, pilastras, gradis e ornatos distribuídos por entre embasamento, corpo e coroamento. “Em meados do século XIX, uma família vitoriense doou o terreno, ao lado da sede do Governo, para construção de um educandário - o Ateneu Provincial. No governo Jerônimo Monteiro a foi ampliada e acrescida de características ecléticas transformando-se na tradicional Escola Normal D. Pedro II. Em 1971, passou o prédio a abrigar a Escola Maria Ortiz e foi tombado em 1983 pelo Conselho Estadual de Cultura.” (IBGE, 2020a).

O ensino presencial permanece, em junho de 2020, suspenso e o governo do Estado do ES passou a adotar tele aulas e entrega de apostilas aos estudantes para validar o ano letivo.

Igreja Nossa Senhora do Rosário - Endereço postal: Rua do Rosário n° 120 - Centro, Vitória - ES Vitória – ES. Localização topográfica: 40°20'2"O 20°19'8"S

A igreja (figura 6), tombada pelo IPHAN em 1946 foi construída em 1535, e mantém suas características coloniais originais com o frontão barroco, além do cemitério e dos ossários.

A estrutura principal foi concluída em dois anos, com a mão de obra escrava negra. O terreno foi doado à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos pelo capitão Felipe Gonçalves dos Santos. O prédio é afastado do núcleo original da povoação de Vitória e seu acesso principal se dá por uma extensa escadaria voltada para o mar. O cemitério ao lado da Igreja, garantia o enterro para os irmãos negros, já que os cemitérios públicos não aceitavam receber negros, fossem alforriados ou escravos (PMV, 2020).

As igrejas católicas da cidade de Vitória, em junho de 2020 permanecem fechadas, no entanto, serão reabertas de forma gradual, para missas e celebrações da palavra.



Figura 05: Escola Maria Ortiz. Fonte: dos autores (2020)

Igreja São Gonçalo - Endereço postal: Rua Cosme Rolim n° 56 - Centro, Vitória – ES.

Localização topográfica: 40°20'22"O 20°19'12"S

A igreja (figura 7) foi construída em 1707 e tombada em 1948 pelo IPHAN com proteção a edificação e ao acervo. “O local abrigou a capela construída pela Irmandade de Nossa Senhora do Amparo e da Boa Morte e no século XIX, quando desapropriada a Igreja de São Tiago para reforma do Palácio Anchieta e demolida a Matriz, a Igreja exerceu as funções de Catedral.” (PMV, 2020).

As igrejas católicas da cidade de Vitória, em junho de 2020, permanecem fechadas, no entanto, planeja-se a utilização de máscaras e a disponibilização de álcool em gel na reabertura.

Igreja do Carmo - Endereço postal: Praça Irmã Joséfa Hosana nº 5 - Centro, Vitória – ES. Localização topográfica: 40°20'16"O 20°19'5"S. (figura 8).

O Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo foi fundado em 1682 por padres carmelitas. O conjunto era formado pelo convento, pela Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo e pela Capela da Ordem Terceira e todos possuíam estilo colonial, com linhas barrocas. O edifício que já havia servido como hospital nos tempos da epidemia da cólera, em 1872 foi quartel militar. Entre 1910 e 1913 passou por reformas ganhando mais um andar, enquanto a igreja recebia uma roupagem eclética, a influência do estilo gótico. A capela que ficava ao lado da igreja foi demolida em 1930. Em 1984 sua fachada foi tombada pelo Conselho Estadual de Cultura (PMV, 2020).



Figura 06: Igreja Nossa Senhora do Rosário. Fonte: dos autores (2020)

As igrejas católicas, em junho de 2020, permanecem fechadas, mas o espaço religioso é para fiéis o local para renovação da fé, superação de crises, enfim estímulo à resiliência.

De localização topográfica: $40^{\circ}20'23''\text{O } 20^{\circ}19'17''\text{S}$, o Palácio Anchieta (figura 9) abriga a sede do Governo do Estado do Espírito Santo. Nos dias atuais o edifício ocupa, após reformas, a construção onde estavam instalados a igreja e o Colégio de São Tiago.

Até 1759, abrigava o colégio de São Tiago, conjunto que começou a ser erguido em 1570, a partir da construção de uma nova sede para a Igreja de mesmo nome, que havia incendiado. A primeira ala do colégio foi concluída em 1587, pelo Padre José de Anchieta, e a segunda só 120 anos depois. Em 1798, recuperado de um incêndio ocorrido dois anos antes, o prédio é denominado Palácio do Governo e no ano de 1945 Palácio Anchieta, em homenagem ao padre. O edifício foi tombado pelo Conselho Estadual de Cultura em 1983 (GEES, 2020b).

O Palácio Anchieta funciona durante a pandemia, nele foi instalada a sala de crise de onde saem importantes decisões sobre a condução/ mitigação dos efeitos da pandemia no estado do ES.



Figura 07: Igreja de São Gonçalo. Fonte: dos autores (2020)

Palácio da Cultura Sônia Cabral - Endereço postal: Praça João Clímaco s/ n° - Centro, Vitória – ES. Localização topográfica: $40^{\circ}20'20''\text{O } 20^{\circ}19'14''\text{S}$

O Palácio da Cultura Sônia Cabral (figura 10), cuja fachada frontal se volta para a lateral do Palácio Anchieta, ocupa o terreno onde, até o início do século XX, estava

locada a Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia. O nome Sônia Cabral é uma homenagem a pianista que fundou a Orquestra Filarmônica do Espírito Santo, hoje Orquestra Sinfônica “O prédio de 1606, foi remodelado em 1912 pelo arquiteto André Carloni, no governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912), com a finalidade de se construir uma sede para a Assembleia Legislativa.” (GEES, 2020c).



Figura 08: Igreja do Carmo. Fonte: dos autores (2020)

Palácio Anchieta - Endereço postal: Praça João Clímaco nº 142 - Centro, Vitória – ES



Figura 09: Palácio Anchieta. Fonte: dos autores (2020)

O italiano André Carloni era mestre autodidata e atuou na construção de prédios públicos em Vitória. “O Palácio Sônia Cabral é lugar destinado a produção cultural capixaba, contando com sala de concertos, salas de ensaios, camarins, área administrativa e serviços e faz parte do Programa de Preservação e Revitalização do Patrimônio Cultural, da Secretaria de Estado da Cultura (Secult).” (GEES, 2020c).

O palácio permanece fechado no mês da redação deste texto – junho de 2020 – e assim permanecerá até que seja possível, mantendo distanciamento (reduzindo a lotação) e com exigência da utilização de máscaras, a retomada de atividades culturais em espaços fechados.

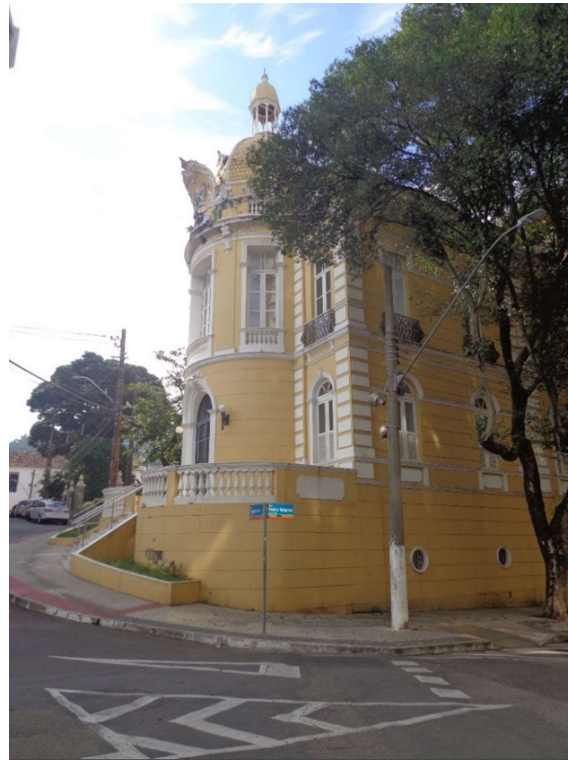


Figura 10: Palácio da Cultura Sônia Cabral. Fonte: dos autores (2020)

CONCLUSÕES

Na balança comportamental, superado o estresse e as adversidades do momento, o (a) arquiteto (a) pode e deve contribuir para a solução de problemas funcionais e formais das construções reafirmando sua experiência em lidar com adaptações e ajustamentos. O processo evolutivo muitas vezes não determina tempo para a preparação prévia e enfrentar novos desafios demanda uma sobrecarga que excede aos recursos pessoais. Sairemos do processo mais experientes e a bagagem adquirida servirá como

aprendizagem. Por este viés a adaptação da metodologia e a reflexão levaram a elaboração deste trabalho destacando a relevância do Centro Histórico da Villa de Victória.

As palavras pandemia, epidemia e crise e o que de fato significam é capaz de afetar diretamente a vida de toda uma população, transpassando o tempo e levando a futuras gerações a representação do que se passou numa determinada época. O registro deste momento, assim também é importante, e com imagens da cidade vazia; do “medo no bom sentido” - sentido da preservação da vida; com o uso de tecnologia (*softwares*) e trabalho remoto foi possível a redação deste texto. A coleção de temáticas arquitetônicas neste artigo apresenta edifícios que terão a abertura no “novo normal” seguindo protocolos, logo, abrirão inicialmente as repartições públicas e posteriormente igrejas, teatros e escolas.

A capacidade criativa, resultante da resiliência, promoverá alternativas no “novo normal”, como a utilização de espaços abertos – largos, passeios e praças – e a cidade é bem servida destes.

A atuação dos governos estadual e municipal, bem como a aderência às recomendações internacionais sobre a pandemia, gerarão dias melhores no decorrer de 2020. O conjunto de projetos capazes de resistir a todas as dificuldades e ameaças pelo desenvolvimento da sociedade moderna, recorda aos habitantes da Cidade de Vitória sua origem e que resiliência não é um termo exclusivamente aplicável a materiais e objetos.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **A Escravidão na História Econômico-social do Espírito Santo 1850 – 1888**. M. Sc., ICHF / UFF, Niterói, RJ, Brasil, 1981.

ALVES, Eduardo Valeriano. **Resiliência nas Estruturas**. Entrevista concedida aos autores. Rio de Janeiro, 2020.

CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira de. **O Novo Arrabalde**. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.

DAEMON, Basílio de Carvalho. **Província do Espírito Santo: sua Descoberta, História Cronológica, Sinopse e Estatística**. Vitória: Tipografia do Espírito-santense, 1879.

DICIO – **Dicionário online de Português**. Disponível em: <DICIO <https://www.dicio.com.br>> Acesso em 13 jun 2020.

ELTON, Elmo. **Logradouros Antigos de Vitória**. Vitória: Edufes e Secretaria Municipal de Cultura, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1985.

DERENZI, Luiz Serafim. **Biografia de uma Ilha**. Rio de Janeiro: Pangetii, 1965.

FRANCO, Sebastião Pimentel, LOPES, André Fraga e FRANCO, Luiz Felipe Sias Franco. Gripe espanhola no Espírito Santo (1918-1919): alguns apontamentos. **Dimensões**, v. 36, p. 404-426, jan.-jun. 2016.

GEES – Governo do Estado do Espírito Santo. **Mensagem de Governo do Presidente do Estado do Espírito Santo, Bernardino de Souza Monteiro**. Victoria: Imprensa Estadual, 1919.

GEES - Governo do Estado do Espírito Santo. **Painel COVID-19**. Disponível em: <<https://coronavirus.es.gov.br>> Acesso em: 12 jun 2020a.

GEES - Governo do Estado do Espírito Santo. **Palácio Anchieta**. Disponível em: <<https://www.es.gov.br/governo/palacio-anchieta>> Acesso em: 12 jun 2020b.

GEES - Governo do Estado do Espírito Santo. **Palácio Sônia Cabral**. Disponível em: <<https://secult.es.gov.br/palacio-da-cultura-sonia-cabral>> Acesso em: 12 jun 2020c.

GEMG – Governo do Estado de Minas Gerais. **Pandemia, epidemia e endemia: entenda a diferença**. Disponível em: <<https://www.em.com.br>>. Acesso em: 14 jun 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Biblioteca**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br>> Acesso em: 15 jun 2020a.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Evolução da população, segundo os municípios - 1872/2010**. Disponível em: <<http://ww2.ibge.gov.br>> Acesso em: 14 jun 2020b.

KOOGAN, Abraham. **Dicionário e Enciclopédia Koogan e Larousse**, v.2. Rio de Janeiro: Editora Larousse do Brasil, 1971.

NOVAES, Maria Stella de. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, 1968.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo- Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

PMV – Prefeitura Municipal de Vitória. **A Cidade**. Disponível em: <<https://m.vitoria.es.gov.br/cidade/>> Acesso em 14 jun 2020.

PHILIPP, Maximilian Alexander. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1989.

ROCHA, Juliana. História Pandemia de gripe de 1918. **inVivo FioCruz**. Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br>> Acesso em 14 jun 2020.

ROSONI, Marcus. **Aumentando a sua capacidade de adaptação**. Disponível em: <<https://ofuturodascoisas.com>> Acesso em 13 jun 2020.

RUSS, Jaqueline. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

SO BIOLOGIA. **Varíola**. Disponível em: <<https://www.sobiologia.com.br>> Acesso em 14 jun 2020.

SOMMER, Robert. **Espaço pessoal**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

WOLF, Giovanna e FREIRE, Danilo. **Como será a retomada pós pandemia do corona vírus?** Disponível em < <https://www.estadao.com.br>> Acesso em: 30 maio 2020.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia Positiva e Resiliência: o Foco no Indivíduo e na Família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003.